



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
COLEGIADO DE LETRAS: LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

**FLÁVIA MEDEIRO DA CRUZ**

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM AMBIENTES PROFISSIONAIS E  
FAMILIARES: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE  
LÍNGUA INGLESA**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

**2024**

**FLÁVIA MEDEIRO DA CRUZ**

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM AMBIENTES PROFISSIONAIS E  
FAMILIARES: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE  
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras:  
Língua Inglesa e Literaturas do Departamento de  
Ciências Humanas do Campus V da  
Universidade do Estado da Bahia, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Leda Regina de Jesus  
Couto.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Sistema de Bibliotecas da UNEB**

**FLÁVIA MEDEIRO DA CRUZ**

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM AMBIENTES PROFISSIONAIS E  
FAMILIARES: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE  
LÍNGUA INGLESA**

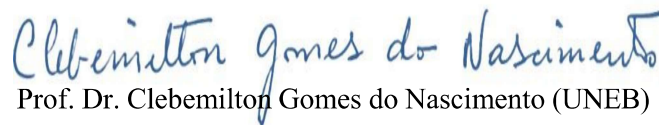
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB),  
como critério parcial para a obtenção da graduação no curso de Letras Língua Inglesa e  
Literaturas.

Aprovada em: 01/07/2024

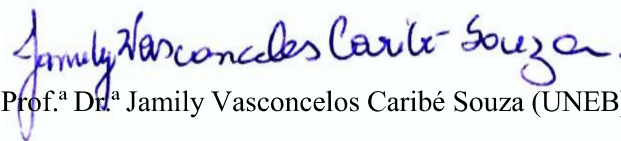
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos (UNEB)



Prof. Dr. Clebemilton Gomes do Nascimento (UNEB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Family Vasconcelos Caribé Souza (UNEB)

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2024

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus por tudo o que fez e faz em minha vida, por ter guiado meus passos até aqui e me dado forças para continuar na conclusão desta monografia. Segundo, agradeço aos meus familiares, em especial ao meu pai, José Gonçalves, por ter me ensinado valores e princípios que contribuíram positivamente para toda a minha vida pessoal, me tornando a pessoa que sou hoje e influenciando a minha formação profissional. Agradeço também ao meu irmão, Iago, por estar sempre presente ao meu lado quando precisei.

Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Me. Leda Regina de Jesus Couto, pela paciência e pelas orientações valiosas ao longo desta jornada. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para a realização deste trabalho. Também agradeço ao Prof. Dr. Adelino Pereira, por todas as sugestões que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

A Poliana Peixoto, Juliane Moreira, Manuelle Melo e Aline Santana, minhas amigas que conquistei nesta caminhada e levarei para a vida, por todos os momentos que tornaram essa jornada da graduação mais leve e pelo incentivo em todos os momentos mais difíceis e conturbados na minha vida acadêmica.

Agradeço também à minha colega de casa, Kelly Pereira, pela convivência harmoniosa durante esta jornada. A Eliana Passos, a quem considero minha tia, por todo o seu apoio para que eu conseguisse ingressar no curso, o que foi essencial para que este trabalho se tornasse realidade. Às minhas amigas de longa data, Poliana Machado, Andressa Lopes e Emanuelly Cunha, por toda amizade, companheirismo e apoio de sempre.

Por fim, agradeço a todo amor, força e determinação de minha mãe, Margarida Teles, que foram de grande influência e inspiração na minha escolha de tema de pesquisa para esta monografia. Todos os sacrifícios e dedicação feitos por minha mãe foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui. Sem ela, nada disso seria possível. Sou eternamente grata por tudo que fez por mim. Este trabalho é tão seu quanto meu.

"We mothers stand still so our daughters can look back to see how far they've come" (Barbie, 2023).

## RESUMO

Tendo em vista que o livro didático é um dos materiais mais utilizados nas escolas do Brasil, exercendo um papel fundamental na formação dos alunos e alunas, e influenciando significativamente a percepção do mundo e das relações sociais, este trabalho tem como objetivo analisar as possíveis interseções das opressões e desigualdades vividas por diferentes mulheres entre as representações de gênero no contexto do ensino de língua inglesa, analisando os impactos que essas representações podem ter sobre a formação do pensamento dos estudantes. O estudo considera o conceito de interseccionalidade e examina os impactos dessas representações na formação do pensamento dos estudantes sobre o papel e a representação das mulheres nos ambientes profissionais e familiares. Diante desse contexto, a pesquisa visa responder à seguinte questão: Quais são as imagens e representações da mulher em dois livros didáticos de Língua Inglesa dos 6º e 9º anos, adotados em 2024 pelas escolas municipais da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu-BA? Para tanto, foi adotada uma abordagem metodológica abrangente, que inclui: a identificação do número de imagens com mulheres presentes nas páginas de abertura das unidades analisadas; a descrição dessas imagens com foco na representação de mulheres, considerando a interseccionalidade; a interpretação das imagens levando em conta os contextos profissional e familiar; e a análise dos capítulos para identificar e comentar possíveis discussões sobre gênero. Os resultados alcançados revelam que os livros didáticos analisados nesta pesquisa apresentam uma diversidade significativa nas representações das mulheres. As imagens refletem um esforço consciente dos autores em evitar estereótipos e promover uma visão mais inclusiva e diversificada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livros didáticos; Mulheres; Interseccionalidade; Língua Inglesa.

## ABSTRACT

Considering that the textbook is one of the most used materials in Brazilian schools, playing a fundamental role in the education of students and significantly influencing their perception of the world and social relationships, this work aims to analyze the possible intersections of oppressions and inequalities experienced by different women within the representations of gender in the context of English language teaching, examining the impacts these representations may have on shaping students' thinking. The study considers the concept of intersectionality and examines the impacts of these representations on the formation of students' thoughts about the role and representation of women in professional and family environments. In this context, the research aims to answer the following question: What are the images and representations of women in two English Language textbooks for the 6th and 9th grades, adopted in 2024 by municipal schools in the city of Cabaceiras do Paraguaçu-BA? To this end, a comprehensive methodological approach was adopted, which includes: identifying the number of images with women present in the opening pages of the analyzed units; describing these images with a focus on the representation of women, considering intersectionality; interpreting the images taking into account professional and family contexts; and analyzing the chapters to identify and comment on possible discussions about gender. The results reveal that the textbooks analyzed in this research present significant diversity in the representations of women. The images reflect a conscious effort by the authors to avoid stereotypes and promote a more inclusive and diversified view.

**KEYWORDS:** Textbooks; Women; Intersectionality; English Language.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mulheres Importantes no livro didático do 9º ano. ....	29
Figura 2 - Mulheres Importantes no livro didático do 9º ano. ....	30
Figura 3- Tipos de família no livro didático do 6º ano .....	36
Figura 4 - Tipos de Família no livro didático do 6º ano. ....	37

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FNDE - Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LD - Livro Didático

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2- O FEMINISMO EM DISCUSSÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1- A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2- VOZES UNIDAS, LUTAS DIVERSAS: O FEMINISMO SOB A LENTE INTERSECCIONAL.....</b>	<b>19</b>
<b>3 – A INFLUÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS DIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 - A IMPORTÂNCIA DA VISÃO INTERSECCIONAL NA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS.....</b>	<b>23</b>
<b>4 – METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>5- MULHERES NOS CONTEXTOS DO MERCADO DE TRABALHO E FAMÍLIA E SUA REPRESENTAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA .....</b>	<b>27</b>
<b>5.1- FAMÍLIA: A JORNADA DUPLA NÃO REMUNERADA .....</b>	<b>34</b>
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

## 1- INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) é um dos materiais mais usados nas escolas do Brasil, e está integrado em quase todos os contextos de ensino e aprendizagem de inglês (Tilio, 2008). Para Coracini (1999), o livro didático é tão naturalmente integrado ao ambiente escolar que se torna indispensável, restringindo a liberdade de todos os envolvidos. Atrelado à importância que este material didático exerce, está a influência na construção do conhecimento, a qual pode influenciar de forma significativa na formação do pensamento dos estudantes. Este material didático ocupa uma posição na qual desempenha um importante papel de parceiro da professora<sup>1</sup> na hora de ensinar e auxilia o aluno no acompanhamento das aulas.

Frequentemente, o LD é colocado em uma posição como se contivesse a verdade absoluta que deve ser aprendida e não questionada, e “[...] pode acabar, muitas vezes, tomando o lugar do próprio currículo e passando a ser uma voz dominante durante o processo de ensino e aprendizagem” (Tílio, 2023). E essa autoridade do livro didático acaba ocasionando, na maioria das vezes, em um descaso quando se trata do papel que este material didático desempenha na vida social do estudante, no que se refere à questão da representação dos aspectos da vida do próprio estudante no livro.

O documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância dos chamados Temas Contemporâneos e Transversais, os quais abordam questões que não são restritas a uma única disciplina, mas devem ser integradas de forma horizontal em todo o currículo escolar (BNCC, 2018). Esses temas abrangem uma variedade de tópicos relevantes para a sociedade atual, incluindo questões de gênero, raça, meio ambiente, diversidade cultural, entre outros.

Neste sentido, a maneira como a BNCC influencia o ensino da língua inglesa pode ter implicações significativas nas representações de gênero e cultura nos livros didáticos, refletindo os valores e as diretrizes educacionais do Brasil. Pressupostos que estão presentes no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que tem como objetivo garantir a todos os alunos o acesso a materiais didáticos de qualidade, criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) do Brasil, responsável pela avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos para as escolas públicas de ensino básico.

Posto isso, proponho uma análise da representação de gênero em dois livros didáticos de língua inglesa aprovados pelo PNLD de 2024, no contexto do mercado de trabalho e da

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, refletindo minha identificação como mulher, optarei por utilizar o termo “professoras” como forma de tentativa de desafiar a predominância masculina na linguagem acadêmica, e para destacar a predominância feminina no campo da docência.

família, especificamente na análise das representações sociais e culturais da mulher, considerando a interseccionalidade. O intuito é analisar as possíveis interseções das opressões e desigualdades vividas por diferentes mulheres entre as representações de gênero no contexto do ensino de língua inglesa, analisando os impactos que essas representações podem ter sobre a formação do pensamento dos estudantes.

Meu interesse pelo tema de pesquisa se originou das imposições sexistas ditadas pelo patriarcado, que foram colocadas em vários momentos na minha vida. Moro em uma cidade pequena do recôncavo baiano, Cabaceiras do Paraguaçu-BA, onde essas imposições sexistas estão bem impostas no cotidiano. A exemplo, sempre me chamou a atenção a crença de que o trabalho doméstico é um dever obrigatório da mulher, e como não é reconhecido nem mesmo como um trabalho legítimo. Essa opressão imposta pelo sistema patriarcal é tão recorrente que às vezes nem percebemos, "trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitos de nós sequer nos damos conta." (Lerner, 2019, p. 21).

Além do trabalho doméstico, a estrutura de poder na minha cidade evidencia claramente o domínio masculino. Historicamente, em Cabaceiras do Paraguaçu, os cargos de prefeito, vereadores e outras posições de liderança têm sido ocupados majoritariamente por homens. A atual gestão municipal, por exemplo, é composta por um prefeito do sexo masculino, seguindo uma tendência comum em muitas cidades do interior baiano. A participação feminina na política local ainda é limitada. As mulheres enfrentam barreiras significativas para ingressar e se manter em posições de poder, resultando em uma sub-representação que perpetua a desigualdade de gênero nas decisões políticas e administrativas do município.

Casos de violência contra a mulher são frequentemente comuns aqui. Há inúmeras histórias de mulheres que foram violentadas ou agredidas verbal e fisicamente por seus maridos, muitas vezes sem que haja uma punição adequada para os agressores. Por exemplo, em 2022 uma mulher foi baleada pelo ex-marido dentro de um salão de beleza (Blog Bahia Recôncavo, 2022). Já em 2021, um adolescente de 16 anos foi apreendido suspeito de violentar sexualmente uma mulher durante um assalto (Tribuna do Recôncavo, 2021). A infraestrutura para apoiar as vítimas e punir os agressores ainda é insuficiente, e a ausência de políticas públicas eficazes contribui para a continuidade desse problema.

A maioria dos casos, no entanto, nem chega ao conhecimento das autoridades competentes e os raros são levados à justiça. Casos que efetivamente são levados à justiça, como os mencionados anteriormente, são exceções. As mulheres em Cabaceiras do Paraguaçu estão sujeitas a uma cultura de violência e desrespeito sob o patriarcado, o que também resulta na sua sujeição a papéis tradicionais e limitados. Esta estrutura exige confronto e

desmantelamento a todos os níveis, incluindo a divisão do trabalho doméstico, a representação política e a justiça.

Assim, comecei a formular meu projeto de pesquisa com base no interesse em promover um processo de conscientização sobre o feminismo e compreender a importância desse movimento. Por ser uma cidade pequena, essas imposições sexistas são particularmente evidentes na minha vida, e busco analisar a representação das mulheres nos livros didáticos de inglês adotados pela minha cidade justamente por isso. A partir da análise dos livros didáticos definidos, esta pesquisa visa responder a seguinte questão: Como são as imagens e representações da mulher em dois livros didáticos de Língua Inglesa dos 6º e 9º anos, adotados em 2024 pelas escolas municipais da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu-BA?

Atentando para a necessidade de debater temas sociais, nos quais alunos e alunas possam se identificar e se sentirem representados e, sabendo-se da centralização do livro didático no ensino e aprendizagem, deu-se a razão da pesquisa sobre a análise da imagem e representação da mulher no livro didático de língua inglesa. Pois, o LD por intermédio de imagens e discursos, retrata a sociedade em determinados períodos de tempo, e levando em conta que a mulher contemporânea está ocupando cada vez mais espaço em várias áreas. Por conseguinte, esta pesquisa deseja fazer a constatação sobre como a mulher vem sendo representada e como são as imagens da mulher apresentadas nos livros didáticos escolhidos como material de análise para esta pesquisa. Buscando assim, perceber, estabelecer e analisar as desigualdades e categorias que constituem um mesmo gênero, no caso o gênero feminino.

Para efetuar a análise, fundamentarei minha pesquisa nas obras de autoras como Carla Cristina Garcia (2011), que fala brevemente sobre a história do feminismo, bell hooks (2018) e Carla Akotirene (2018), que discutem a interseccionalidade, além de outras referências que exploram as intersecções ocorrente no gênero feminino na análise crítica dos materiais didáticos. Além disso, utilizarei as contribuições de Ferreira e Araújo (2018) e Tilio (2008) no contexto da análise crítica dos materiais didáticos, especificamente no que tange à abordagem sobre o livro didático.

O texto está assim organizado. Primeiramente, em "Feminismo em discussão," é abordado um breve panorama histórico sobre a evolução do feminismo, através das suas diferentes fases (chamadas de ondas), destacando suas principais características e contribuições. Mais adiante, apresento "A influência e a importância dos livros didáticos na formação de estudantes", o qual explora como os livros didáticos desempenham um papel crucial na formação da aprendizagem e dos valores dos alunos, e a importância da visão interseccional na análise dos livros didáticos de língua inglesa. Na "Metodologia," são

apresentados os procedimentos utilizados na pesquisa. Em seguida, o capítulo "Mulheres nos contextos do mercado de trabalho e família e sua representação em livros didáticos de língua inglesa", aborda a realidade das mulheres nesses dois importantes contextos sociais e analisa como elas são retratadas nos materiais didáticos de língua inglesa analisados. Finalmente, nas "Considerações finais", são sintetizadas as principais conclusões acerca da análise proposta no presente trabalho.

## 2- O FEMINISMO EM DISCUSSÃO

O feminismo é um movimento capaz de nos fazer ver as relações de injustiça vividas por diferentes mulheres, e, através da sua força e conteúdo crítico, gera uma consciência que serve como motor na luta pela transformação para uma sociedade mais libertadora e justa. “Por isso é necessário mostrar que o feminismo tem uma longa história como movimento social emancipatório” (Garcia, 2011, p.10). Mesmo com suas conquistas e impactos evidentes, ainda permanece uma compreensão generalizada, distorcida e equivocada que permeia a sociedade sobre o que de fato o feminismo representa.

Assim como afirma bell hooks (2018), muitas pessoas acreditam que o feminismo consiste somente em mulheres querendo ser iguais aos homens e, para além disso, uma grande maioria relaciona o feminismo a uma ideologia anti-homens. Entretanto, esse desconhecimento acerca do que seja o feminismo, revela a realidade de que o conhecimento sobre o movimento feminista da maioria da população é adquirido através da mídia de massa patriarcal. É, nesse contexto que a visão do movimento feminista é distorcida e limitada, reduzindo-o a questões superficiais e descontextualizadas.

Ao longo da história da humanidade foi construída em várias sociedades a crença de que somente ao homem eram concedidos os direitos de exercer atividades relacionadas a educação, trabalho, direito à liberdade de escolha e de fala, ao voto e outras diferentes atividades sociais, pois ele era considerado o “sexo forte”, mais capacitado intelectualmente de realizar tais atividades. Enquanto isso, por ser o “sexo frágil”, para a mulher somente eram concedidos direitos e papéis relacionados aos afazeres domésticos, criação e cuidado dos filhos e fins sexuais. Essa divisão limitada das capacidades e papéis das mulheres, muitas vezes, resultava em restrições em relação à educação, participação política, trabalho e outras esferas da vida pública.

Essa inferiorização das mulheres em relação ao homem é resultante do sistema social do patriarcado, no qual prevalece a dominação masculina na sociedade, fazendo com que sejam ensinadas e empregadas ideologias que ditam que as mulheres são, naturalmente, inferiores aos homens, acarretando assim em desigualdades de gênero, em oportunidades, direitos e representação. Garcia (2011) afirma que as mulheres perceberam que a dominação do homem sobre elas estava além dos aspectos políticos formais. A autora discorre sobre como o sistema patriarcal estava/está presente em todas as esferas cotidianas da vida da mulher. Essa percepção levou as mulheres a entenderem que as experiências individuais vivenciadas por elas, eram na

verdade, resultado do sistema patriarcal de opressão. Popularizando assim, a ideia de que o “pessoal é político”.

E foi justamente diante das percepções de desigualdade, injustiça e opressões que, a partir de uma conscientização de mulheres sobre suas condições de vida e pelo desejo de mudar as condições limitadas que estavam condicionadas, que as primeiras ações feministas surgiram. Lerner (2019, p. 21) traz que "o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores". E esse sistema patriarcal comuna em uma desigualdade de gênero enraizada na sociedade e em impactos negativos para as mulheres em diversos aspectos da vida, como acesso a oportunidades, autonomia, e valorização de suas capacidades, gerando assim, uma normalização de uma sociedade com pensamentos e visões sexistas.

E, assim, como bem coloca bell hooks (2018), o feminismo é um movimento que busca eliminar o sexismo. A autora ainda defende que os homens também podem ser feministas, porque se o homem toma consciência de que certas atitudes deles são patriarcais e sexistas e, ele quer mudar e agir do lado de uma mulher na luta feminista, ele também pode. Isto é significativo porque só assim poderá acontecer uma possível erradicação do patriarcado. Por isso, é necessário promover um processo de conscientização sobre o feminismo e compreender a importância desse movimento, a fim de que todos nós nos aproximemos dele para termos uma consciência sobre a construção de uma sociedade mais justa para todos. Afinal, o que o feminismo realmente busca é conquistar a igualdade de direitos, oportunidades e tratamento para todas as pessoas, independentemente de seu gênero.

O feminismo não busca diminuir ou excluir os homens, mas sim, possibilitar uma sociedade justa e igualitária, na qual homens e mulheres tenham liberdade para serem quem são, sem limitações baseadas em normas de gênero. Bem como se verifica na declaração de bell hooks a seguir: “As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz” (hooks, 2018, p. 123). Além disso, por estar sempre evoluindo, diferentes formas e vertentes de feminismos surgem devido às necessidades, desafios e contextos socioculturais variados das mudanças na sociedade e nas perspectivas contemporâneas. Portanto, o feminismo “se divide de acordo com o paradigma hegemônico e ideologias hegemônicas da época em que cada ideologia feminista específica é criada” (Gomes, 2017, p. 160). Desta forma, pode-se constatar que “o feminismo é considerado um

“movimento” multiforme, onde se encontra uma multiplicidade de tendências, propostas e “teorias” (Veiga, 2022, p. 61).

A partir do surgimento das variadas vertentes e teorias feministas, cada vez mais é possível obter uma rica e complexa compreensão das experiências das mulheres de diferentes grupos sociais e das lutas por igualdade. O impacto do feminismo acontece quando as mulheres começam a compreender as desigualdades e discriminações que enfrentam, isso influencia sua perspectiva, comportamento e ações, resultando em mudanças profundas em suas vidas individuais e coletivamente. Visto que, a obtenção de “consciência feminista transforma - inevitavelmente - a vida de cada uma das mulheres que dela se aproximam, pois a consciência da discriminação supõe uma postura diferente diante dos fatos” (Garcia, 2011, p.10). Deste modo, a consciência feminista não apenas discute e luta por eliminar as questões de opressão, mas também inspira a busca por igualdade, justiça e empoderamento de diferentes mulheres.

## **2.1- A evolução do feminismo**

Diferentes momentos históricos marcam a construção do desenvolvimento do pensamento e consciência feminista. É possível estabelecer as raízes do feminismo em diferentes épocas que contribuíram para a construção das ideias e valores que são pilares para o movimento. Porém, ao estudar o feminismo, “no Brasil e em outros países, a história do movimento feminista é contada em ondas” (Perez e Ricoldi, 2019, p. 3), cada uma delas marcada por suas próprias conquistas e interesses (Alves, 1991 *apud* Cruz, 2014). Sendo marcado o surgimento do movimento na primeira onda do feminismo em meados do século XVIII, tendo a revolução francesa como ponto de partida, como podemos averiguar na seguinte afirmação: “[...] toda mudança política que supôs a Revolução Francesa, teve como consequência o nascimento do feminismo e ao mesmo tempo sua absoluta rejeição e violenta repressão” (Garcia, 2011, p.35).

Durante a revolução francesa foi criado um documento intitulado de *Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão* (1789). Neste documento constava apenas os direitos dos homens, fazendo exclusão ao das mulheres. Olympe de Gouges, abolicionista francesa de importante atuação na revolução, como resposta a esse documento, escreveu a *Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã* (1791), a fim de conscientizar as mulheres sobre os direitos que lhe estavam sendo negados, sobretudo como cidadãs. Esse foi o primeiro documento que propôs igualdade jurídica e política às mulheres. Como consequência do sistema patriarcal, Gouges foi executada em Paris. A morte de Olympe de Gouges é considerada como um marco para o feminismo, levando a movimentos feministas posteriores.

Outra figura importante dessa época é a escritora Mary Wollstonecraft, que escreveu a obra *A reivindicação dos direitos das mulheres* (1793), na qual ela fez contribuições muito importantes para os pilares do feminismo. Na obra em questão, Wollstonecraft (1793), entre outros apontamentos, argumentou que as diferenças de gênero eram culturais e não naturais, defendendo a educação igualitária. Portanto, pode-se concluir que “[...] seguramente, um dos momentos mais lúcidos na tomada de consciência feminista do século XVIII está na *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs* escrito em 1791 por Olympe de Gouges e em *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, de Mary Wollstonecraft, de 1793” (Garcia, 2011, p.38).

A primeira onda do feminismo serviu como porta de entrada para um pensamento destinado a mudanças do sistema opressor em que as mulheres estavam completamente inseridas, a luta por direitos e igualdade já havia começado. O final da primeira onda do feminismo foi marcado pelo surgimento do movimento sufragista feminino, que tinha como objetivos principais o direito de voto, também conhecido como direito de sufrágio, e o acesso às instituições de ensino superior para as mulheres. O movimento sufragista desempenhou um papel fundamental no feminismo por mostrar a importância da mobilização e do ativismo das mulheres na busca por igualdade e justiça. Pois,

O sufragismo foi um movimento de agitação internacional, presente em todas as sociedades industriais que tinha dois objetivos centrais: o direito ao voto e os direitos educativos. Levou oitenta anos para conquistar ambos, o que supõe três gerações de militantes (Garcia, 2011, p.52).

É necessário salientar a presença das sufragistas negras, que para além de buscar os direitos reivindicados pelo sufragismo, também lutavam pela abolição da escravidão. No entanto, as mulheres brancas não se uniram a essa luta, pois alegavam que a conquista da liberdade por parte dos homens negros resultaria em perdas de direitos e privilégios para elas. As mulheres brancas temiam que, se os homens negros obtivessem direitos iguais, isso poderia diminuir suas próprias posições de privilégio relativo dentro da hierarquia social. Esse fato demonstra como diferentes grupos de mulheres tomavam decisões com base nos desafios que refletiam as diferenças de circunstâncias vivenciadas entre elas. Uma figura de destaque no movimento sufragista é a escrava liberta Sojourner Truth, pois ao desafiar discursos de exclusão da mulher negra, acabou levantando questões sobre igualdade de gênero e raça (Garcia, 2011). Por tal feito, Sojourner Truth é vista como uma pioneira no desenvolvimento do feminismo negro. No trecho a seguir, podemos conferir uma explicação sobre o legado de Sojourner Truth:

Ela fazia sua reivindicação apelando a critérios universalistas, ou seja, não falava sobre diferença, mas sobre igualdade. Estendia as reivindicações à raça e mais concretamente, ao ponto estratégico em que nesse momento histórico se entrecruzavam a raça e o gênero: os direitos das negras. Reivindicava seus direitos não como negra, mas sim como mulher, como não era reconhecida (Garcia, 2011, p.56).

Já a segunda onda do feminismo, que apesar de ter ganho destaque e força a partir das décadas de 1960 e 1970, tem raízes de pensamento e discussões em momentos anteriores, como em 1949, ano em que é lançado o livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Esse livro é fundamental para as bases da segunda onda do feminismo e para o movimento feminista posteriormente, pois, além de discorrer sobre como o comportamento submisso feminino é fruto da cultura e não necessariamente de uma essência feminina, neste livro está a citação famosa que resume a luta feminina nessa segunda onda do movimento: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 1980, p. 9). Essa segunda onda feminista gera discussões e questionamentos profundos sobre a submissão feminina, pois, apesar dos direitos femininos reivindicados durante o sufragismo terem sido conquistados e registrados legalmente após as lutas da primeira onda, na prática esses direitos não eram respeitados. Apesar dos avanços, persistiam opressões como a violência doméstica, subjugação e o fato de mulheres realizando uma "segunda jornada" ao trabalhar fora de casa e ainda cuidar das tarefas domésticas. É neste momento da história do movimento feminista que discussões acerca dos direitos reprodutivos, da sexualidade e gênero são realizadas.

Portanto, as ideias e análises feitas por Simone de Beauvoir serviram como base para influenciar muitos dos debates e questões que surgiriam durante a segunda onda, e teve um impacto nos moldes de muitos aspectos do movimento feminista a partir de então. Desta forma, "o feminismo posterior não se dedicará apenas à reivindicação, mas indagará todas as ciências e disciplinas da cultura e do conhecimento como fez Simone" (Garcia, 2011, p.79). É na segunda onda do feminismo que uma virada de chave importante acontece: A compreensão de que "o pessoal é político". Houve uma percepção de que as experiências pessoais e individuais das mulheres não são isoladas, mas estão conectadas a estruturas políticas, sociais e culturais mais amplas. Questões como discriminação no trabalho, divisão de tarefas domésticas, violência doméstica e entre muitas outras, eram interligadas ao âmbito privado, quando na verdade, esses são problemas políticos que afetam todas as mulheres. Essa percepção levou ao entendimento de que as opressões individuais eram um reflexo do sistema amplo de desigualdade de gênero e dominação masculina, o patriarcado.

Hall (2006), aponta que, a partir do entendimento da ideologia que o pessoal é político, é possível afirmar como o feminismo trouxe uma nova perspectiva sobre a dinâmica das divisões sociais tradicionais dentro da sociedade patriarcal, onde o homem era associado à esfera pública, enquanto à mulher cabia apenas a esfera privada, em que ela não tinha tanto espaço na vida fora de casa. A mulher tinha papéis específicos a serem cumpridos, mas a partir das mudanças e demandas sociais levantadas pelo feminismo, a mulher não cabia somente no espaço privado, ela queria estar em outros ambientes. O que abriu espaço para discutir demandas pessoais como questões políticas mais amplas, tais como a família, a divisão doméstica do trabalho, entre outros pleitos como, por exemplo, a luta pelos direitos reprodutivos, incluindo o acesso a contraceptivos e o direito ao aborto seguro e legal. A mulher também tem se levantado contra todas as formas de violência de gênero, como a violência doméstica e o assédio sexual. Após os avanços de consciência conquistados durante a segunda onda do feminismo, a terceira onda do movimento surge como uma continuidade à evolução das questões e desafios que as mulheres enfrentavam. Esta onda, que tem seu início apontado em meados da década de 1990 e que continua a evoluir até hoje, emerge para reconhecer as mudanças nas perspectivas feministas.

A terceira onda do feminismo vai além da percepção de "o pessoal é político" da segunda onda, e passa a explorar questões "micropolíticas" que levam em consideração as experiências únicas das mulheres em diferentes contextos de identidade e opressão. A terceira onda critica a ideia de um feminismo universal que não aborda as particularidades das experiências das mulheres de diferentes grupos sociais. É neste momento que surge o conceito de interseccionalidade, que aborda sobre as questões de interseções entre diversas formas de opressões como raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero entre outras. “Esse feminismo se caracteriza por criticar o uso monolítico da categoria mulher e se centra nas implicações práticas e teóricas da diversidade de situações em que vivem as mulheres” (Garcia, 2011, p. 91). É neste momento que surge uma preocupação que, para que o feminismo seja verdadeiramente inclusivo e eficaz, é necessário o reconhecimento dessas diferenças e especificidades enfrentadas por diferentes mulheres pertencentes aos diversos grupos sociais. Autores como Perez e Ricoldi (2019) afirmam que, apesar de não haver uma coesão teórica, ocorre a existência de uma quarta onda do feminismo, que é caracterizada pelo uso das redes sociais para organizações, propagação e conscientização das ideias feministas.

Na seção a seguir, será abordado o conceito de interseccionalidade, que surge na terceira onda do feminismo, e, é indispensável para a compreensão, de maneira mais completa e inclusiva, que mulheres vivenciam uma combinação de formas de discriminação com base em

suas múltiplas identidades. O que abre espaço para a realização de uma análise mais profunda e complexa sobre o tema de pesquisa deste trabalho.

## **2.2- Vozes unidas, lutas diversas: o feminismo sob a lente interseccional**

A interseccionalidade é uma vertente do feminismo, que reconhece e valoriza as interseções das opressões e desigualdades vividas por mulheres que não enfrentam somente o fato de serem mulheres como única forma de opressão, mas que, muitas vezes, vivenciam uma combinação de formas de discriminação com base em suas múltiplas identidades. São chamadas de interseções as maneiras pelas quais diferentes identidades sociais como gênero, raça, classe social, sexualidade, origem étnica, religião, deficiência, entre outras formas de opressão, se conectam e se influenciam de uma maneira mútua, moldando as experiências e as formas de opressão e discriminação que uma pessoa pode vivenciar. Como por exemplo, uma mulher negra pode sofrer opressões e desafios específicos relacionados tanto à sua raça quanto ao seu gênero, e essas formas de discriminação podem se sobrepor e se intensificar.

Assim como é colocado por Carla Akotirene (2018), ao falar sobre interseccionalidade, é preciso destacar que foram as feministas negras as pioneiras na promoção do conceito como abordagem metodológica, que busca enfrentar as múltiplas formas de discriminação, que inicialmente se baseavam na relação entre raça e gênero. A autora completa trazendo críticas que giram em torno do surgimento do termo “feminismo interseccional”. Vejamos:

[...] o termo feminismo interseccional como substituição ao feminismo negro, pois, segundo ela “o conceito interseccionalidade está em disputa acadêmica, há saqueamento da riqueza e apropriação do território discursivo feminista negro quando trocamos a semântica feminismo negro para feminismo interseccional, retirando o paradigma afrocêntrico (Akotirene, 2018, p. 46).

O conceito de interseccionalidade foi formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), que percebeu que as teorias do feminismo tido como universal sobre opressão, tratavam raça e gênero como problemas isolados, e falhavam em abordar e compreender as experiências únicas de discriminação que as mulheres negras enfrentam. Ao analisar as opressões enfrentadas pelas mulheres, Kimberlé Crenshaw (2002) observou que as abordagens e teorias feministas refletiam uma visão eurocentrada e muitas vezes se concentravam nas vivências das mulheres brancas, sem levar em conta as vivências das mulheres negras. A interseccionalidade foi desenvolvida para discutir as limitações do feminismo tradicional eurocêntrico, que negligenciava as experiências e lutas das mulheres que pertencem a grupos marginalizados.

Ainda de acordo com Crenshaw (2002), o feminismo tradicional tende a se concentrar principalmente nas experiências das mulheres brancas, deixando de lado questões cruciais relacionadas à raça e à interseccionalidade. Isso resulta em uma reprodução do racismo, tendo em vista que as necessidades e realidades das mulheres negras são ignoradas. Carla Akotirene (2018) resume a perspectiva de Kimberlé Crenshaw sobre a interseccionalidade e o impacto do feminismo na vida das mulheres negras, ao dizer que “segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (Akotirene, 2018, p. 14). O conceito de interseccionalidade tem se tornado cada vez mais popular nos últimos anos por conta de seu uso crescente em discursos acadêmicos, ativismo social e debates públicos. Como bem é enfatizado na declaração a seguir:

O conceito tem sido utilizado crescentemente na produção acadêmica, tornando-se também uma concepção expressiva nas mobilizações contemporâneas, de modo que se pode identificar, em todo o território nacional, feministas que adotam a interseccionalidade nos discursos, nas práticas e na própria autodenominação dos movimentos (como o caso das feministas interseccionais) (Rios; Perez; Ricoldi, 2018, p. 37).

Sendo assim, o uso cada vez mais frequente da interseccionalidade mostra como esse conceito tem se disseminado e influenciado a forma como as questões de gênero são discutidas e abordadas atualmente. Demonstrando, desta maneira, o desejo de construir um movimento feminista mais amplo, crítico e comprometido com a luta contra todas as formas de opressão. Com o destaque que vem recebendo, o conceito de interseccionalidade vem mostrando a sua capacidade de promover uma visão abrangente e inclusiva das desigualdades sociais, reconhecendo as interconexões de opressões e fornecendo uma análise mais aprofundada das estruturas de poder e privilégio. Dessa forma, seu uso evidencia o potencial de transformar as narrativas predominantes e promover a busca pela equidade em todas as esferas da sociedade.

Uma vez entendido que a vertente interseccional foi desenvolvida para tentar entender e analisar as formas complexas de opressão e discriminação que as mulheres enfrentam com base na interação de diferentes identidades sociais, vale salientar que a interseccionalidade não quantifica ou hierarquiza as formas de opressões. Em vez disso, reconhece que essas diversas identidades não podem ser analisadas separadamente, mas sim de maneira conjunta, pois “[...] a heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento estar interceptado pelas estruturas” (Akotirene, 2018, p. 41).

Atualmente, o conceito de interseccionalidade, além de ampliar a perspectiva do feminismo tido como tradicional, o qual não levava em consideração as particularidades sociais de mulheres de distintos grupos sociais, tem influenciado muitas áreas, tais como a acadêmica, movimentos sociais e políticas públicas, desempenhando papel fundamental de uma ferramenta analítica que busca combater as desigualdades estruturais e promover uma abordagem mais inclusiva e justa na luta pelos direitos humanos. Portanto, é indispensável a extensão dessa compreensão à esfera educacional também, pois é nela onde as sementes do conhecimento e da mudança são semeadas.

O cenário educacional não é um ambiente neutro, livre de preconceitos e opressões. Muito pelo contrário, as salas de aula são um espelho das desigualdades sociais. Nesse sentido, a lente interseccional não é apenas um conceito acadêmico distante, mas uma chamada para mudanças no presente. Analisar como e quais são as mulheres representadas nos livros didáticos de inglês, por exemplo, é uma forma de contribuir para a luta da interseccionalidade no sistema educacional. É uma maneira de questionar narrativas que são constituídas por estereótipos e exclusões, e exigir uma representação mais justa e inclusiva de mulheres de todas as origens, identidades e experiências.

Fazendo assim, com que as estruturas que refletem discriminação e perpetuam a exclusão de diferentes grupos de mulheres, sejam desafiadas e derrubadas. E, como consequência, refletir e repensar o ambiente educacional, como por exemplo, em áreas como a da formação de professoras, das políticas educacionais e produção de materiais didáticos, para que assim, seja garantido que os alunos, através dessa conscientização provida da visão interseccional, sejam capazes de serem agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade em geral, além de ser promovida uma educação muito mais enriquecedora. No próximo capítulo, será abordado como o uso da interseccionalidade é fundamental na análise de imagens e representações de mulheres em livros didáticos de inglês.

### **3 – A INFLUÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS DIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES**

Os livros didáticos desempenham um papel de grande importância na formação dos alunos e alunas, e têm uma grande influência na maneira como as pessoas percebem o mundo e as relações sociais. Segundo Ferreira e Araújo (2018), por desempenhar grande influência, livros didáticos possuem a necessidade de contribuir para a desnaturalização das desigualdades, promovendo o respeito às diferenças e formando cidadãos e cidadãs críticos, reflexivos e sem preconceitos.

Ferreira e Araújo (2018) também enfatizam a importância dos livros didáticos serem monitorados para evitar a reprodução de estereótipos e preconceitos relacionados a gênero, linguagem, raça e orientação sexual. As autoras defendem que esses materiais devem considerar e respeitar as diferenças identitárias dos sujeitos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Essa formação identitária é discutida por Rajagopalan (2012) ao argumentar que os livros didáticos para o ensino de línguas estrangeiras não são isentos de ideologia e que refletem perspectivas políticas e culturais. O autor sugere que é importante reconhecer e analisar essas ideologias presentes nos materiais didáticos, pois elas podem influenciar a forma como os alunos percebem o mundo e as relações sociais.

Tilio (2008) destaca que os livros didáticos devem ser projetados para atender às necessidades e expectativas dos alunos, ajustando-se à realidade sociocultural em que estão inseridos. No entanto, isso nem sempre acontece durante a seleção de um LD. Ainda, segundo o autor, a escolha do material é frequentemente influenciada por outros fatores, como a abrangência do conteúdo do curso, recursos didáticos que facilitam o trabalho do professor e acordos com autores ou editoras. Dessa forma, as necessidades, as representações da realidade dos alunos, muitas vezes, não são prioridades na decisão de quais livros didáticos serão utilizados.

Para garantir que alunos e alunas da rede pública de ensino recebam materiais didáticos de qualidade, e que atendam a padrões pedagógicos, éticos e de inclusão, o MEC criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os livros didáticos distribuídos pelo PNLD passam por um processo de avaliação criterioso realizado pelo MEC. Este processo envolve a análise de conteúdos pedagógicos, a adequação às diretrizes curriculares nacionais e a promoção de valores éticos, como a diversidade e a igualdade de gênero.

A inclusão de critérios que promovem a diversidade e a igualdade de gênero no processo de avaliação do PNLD tem um impacto direto nas representações encontradas nos livros didáticos. É esperado que os materiais aprovados pelo programa representem de maneira justa e equitativa diferentes grupos sociais, incluindo as mulheres.

Os dois livros didáticos de inglês selecionados para análise nesta pesquisa, fazem parte da coleção *Ways: English for Life*, e são destinados a estudantes do ensino fundamental de duas séries dos anos finais, 6º e 9º anos. Esses livros didáticos, de autoria de Kátia Tavares e Cláudio Franco, da editora Ática, produzidos em 2022, foram adotados como parte do PNLD 2024. O Programa Nacional de Livros Didáticos é financiado pelo FNDE, (Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação), uma estratégia utilizada pelo governo na busca de melhorar a qualidade do ensino para todos os estudantes.

### **3. 1 - A importância da visão interseccional na análise de livros didáticos de inglês**

Como vimos anteriormente, a interseccionalidade desempenha um papel essencial em tentar entender e analisar as formas complexas de diferentes experiências que se cruzam em todos os aspectos da vida. Assim, usar uma lente analítica interseccional promove uma compreensão mais inclusiva sobre as experiências de mulheres distintas. A construção de um olhar analítico interseccional é crucial, pois, através dele, é possível examinar e abordar de forma abrangente e completa as estruturas sociais, visando a promoção da justiça. Através dessa abordagem, somos incentivados a trabalhar em conjunto para lidar com as múltiplas formas de opressão presentes em nossa sociedade, encarando de forma mais eficaz a invisibilidade que muitas mulheres vivenciam devido a suas multiplicidades de individualidades. Desta maneira, a inclusão da lente interseccional em uma análise é enriquecedora. Bem como podemos verificar na afirmação a seguir:

[...] uma análise das relações de gênero que não problematize o modo como as desigualdades de classe e de raça conformam o gênero, posicionando diferentemente as mulheres nas relações de poder e estabelecendo hierarquias entre elas, pode colaborar para suspender a validade de experiências e interesses de muitas mulheres. Seu potencial analítico assim como seu potencial transformador são, portanto, reduzidos (Birolli e Miguel, 2015, p. 29).

Assim, para além de enriquecer uma análise, a interseccionalidade também amplia o potencial transformador do estudo. E, através do reconhecimento das experiências diversas e interseccionadas das mulheres, é capaz de potencializar mudanças significativas na sociedade. Por conseguinte, no que diz respeito à inclusão desse olhar interseccional na análise de imagens e representações de mulheres em livros de língua inglesa, é imperativo analisar como as

representações femininas são influenciadas por diferentes sistemas de opressão, sendo os mais recorrentes gênero, raça, classe social, sexualidade, origem étnica, religião, e deficiência. Com a perspectiva interseccional é possível ir mais além do que uma análise superficial das imagens e representações femininas presentes nos materiais didáticos, podemos pensar as interseções dessas identidades em tais representações. Por exemplo, uma análise interseccional pode revelar como as mulheres são estereotipadas ou limitadas aos papéis tradicionais do gênero feminino.

As representações no livro didático têm um impacto significativo na maneira como os alunos percebem o mundo, exercendo influência na transformação de suas identidades. Pois, os livros didáticos não se limitam "[...] apenas nos conteúdos, mas também na forma de apresentação do livro, em seu aspecto físico, através de gravuras, [...] etc. Tanto a linguagem verbal como as outras modalidades semióticas contribuem para dar peso a estas ideologias" (Tílio, 2008, p. 133). Desta maneira, as imagens presentes nos livros didáticos são capazes de influenciar as identidades dos alunos, afetando diretamente a forma como eles se percebem, como percebem os outros e como se posicionam na sociedade. Portanto, a utilização da visão interseccional ao analisar o livro didático é discutir como esse material didático fomenta e representa as diferentes identidades dos alunos e alunas, para que assim, possa-se discutir como eles lidam com as diferentes formas de opressão que são vivenciadas pelos mais distintos grupos sociais.

Outra grande importância que pode ser atribuída à visão interseccional na análise de livros didáticos, é a promoção de uma educação mais inclusiva, sensível e que respeite a diversidade das experiências e identidades das estudantes. Nesta pesquisa, busco analisar como os livros didáticos de inglês selecionados apresentam a representação da mulher tanto no ambiente familiar quanto no profissional. E como visto até agora, é importante considerar que as mulheres enfrentam diferentes formas de opressão, e como isso afeta a análise dos materiais acadêmicos. Como posto anteriormente, negligenciar tais fatores em uma análise que fale sobre a mulher, torna esta análise superficial. Ela perde qualidade. Nesta pesquisa, para entender melhor como as mulheres são retratadas, é preciso reconhecer os tipos de discriminação que diferentes grupos enfrentam no trabalho e em casa. Olhar para essas questões nos permite ter uma visão mais completa de como cada identidade feminina é afetada de uma maneira diferente. Examinar tais aspectos interseccionais nos ajuda a identificar onde a representação das mulheres nos livros precisa ser revista ou ampliada.

#### 4 – METODOLOGIA

O conjunto de imagens desta pesquisa é composto por 4 (quatro) figuras imagéticas, as quais estão localizadas em 4 páginas de abertura de unidade de cada LD utilizado neste trabalho. Os dois livros didáticos selecionados pertencem à coleção de livros do componente curricular Língua Inglesa *Ways: English for Life* (Franco;Tavares, 2022a; 2022b), e são direcionados ao sexto e nono anos do Ensino Fundamental. São analisadas neste trabalho as unidades *What is a Family?* presente no livro didático de inglês do 6º ano, e a unidade *Forgotten Women* presente no livro didático de inglês do 9º ano.

Para reunir esse conjunto de dados, decidi analisar os recursos imagéticos presentes nas páginas de abertura das unidades selecionadas dos LDs, pois elas são visualmente destacadas, e, ambos os livros apresentam imagens de mulheres reais apenas no início de cada unidade. Ao decorrer das unidades, após a abertura, os livros apresentam predominantemente textos escritos, e alguns desses textos são acompanhados somente por algumas poucas imagens de desenhos. Eu não julguei viável trazer para análise tais imagens gráficas de desenho, já que não eram imagens reais de mulheres. Além disso, nas quatro imagens analisadas, há uma quantidade diversa de mulheres. Por exemplo, nas duas imagens presentes na unidade *What is a Family?* do livro do 6º ano, é apresentado um *layout* com 8 imagens que mostram diversas mulheres inseridas em diferentes configurações de famílias. Na unidade *Forgotten Women* apresentada no livro do 9º ano, são expostas 2 imagens de mulheres em ambas as figuras analisadas, contabilizando 4 imagens de mulheres.

Cada unidade dos dois livros didáticos utilizados neste trabalho, apresentam seções que se repetem, a saber: *Before Reading*, onde são sugeridas atividades que têm como objetivo ativar o conhecimento pré-existente dos alunos sobre o tema e/ou o gênero discursivo do(s) texto(s) principal(is) da unidade; *Reading*, dedicada à habilidade de leitura; *Reading for Critical Thinking*, focada em promover a reflexão crítica dos estudantes sobre o texto da unidade; *Taking It Further*, voltada a aprofundar os conhecimentos desenvolvidos nas outras seções; e a seção final da unidade, *Looking Ahead*, que expande a discussão sobre o tema da unidade, promovendo ainda mais a reflexão crítica e relacionando-o com a realidade dos estudantes e da comunidade.

A escolha por conduzir a pesquisa com esse material deu-se principalmente pelo fato de que os livros selecionados foram do 6º e 9º anos, devido aos estudantes do 6º ano estarem em um estágio de transição para a adolescência, enquanto os do 9º ano estão mais próximos da entrada no Ensino Médio. Portanto, as representações de mulheres encontradas nesses livros podem ter impactos distintos na percepção e na identidade dos alunos, tornando a análise mais

abrangente e significativa. Visando contemplar a análise das representações das mulheres nos LDs selecionados, foram adotados os seguintes passos: a) identificação do número de imagens com mulheres presentes nas páginas de abertura das unidades; b) descrição das imagens com foco na representação de mulheres, considerando a interseccionalidade; c) interpretação das imagens, considerando o contexto profissional e familiar; d) e a análise dos capítulos através de suas seções, para identificar e comentar possíveis discussões sobre gênero.

## **5- MULHERES NOS CONTEXTOS DO MERCADO DE TRABALHO E FAMÍLIA E SUA REPRESENTAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA**

Ao longo dos séculos, a inserção das mulheres no mundo do mercado de trabalho tem enfrentado desafios e obstáculos resultantes das dinâmicas sociais, econômicas e culturais. Historicamente, em várias sociedades foi imposto que para a mulher somente eram concedidos direitos e papéis relacionados aos afazeres domésticos, criação e cuidado dos filhos e fins sexuais. Por outro lado, ao homem eram concedidos os direitos da esfera pública produtiva, como por exemplo, os direitos de exercer atividades relacionadas à educação, trabalho, direito à liberdade de escolha e de fala, ao voto e outras diferentes atividades sociais. Pois ele era considerado o “sexo forte”, mais capacitado intelectualmente e biologicamente de realizar tais atividades.

Para Kergoat (2009), essa estrutura da divisão sexual de papéis entre homens e mulheres na sociedade, assim como outras relações sociais, têm suas bases materiais particularmente no trabalho, e se manifestam através da divisão social entre os sexos, conhecida como divisão sexual do trabalho. Ainda segundo Kergoat (2009), a maneira como homens e mulheres vivem e são tratados na sociedade não é resultado de suas diferenças naturalmente biológicas, mas sim de como essas diferenças são interpretadas e aplicadas por construções sociais. Neste sentido, Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1980), aborda sobre como o comportamento submisso feminino é fruto da cultura e não necessariamente de uma essência feminina. Conforme enfatiza o seguinte trecho:

[...] a autora estuda tanto as ciências biológicas quanto as humanas: da biologia ao materialismo histórico e traça um panorama da cultura ocidental pelos mitos. Conclui que não há nada de biológico nem de natural que explique a subordinação das mulheres, o que aconteceu é que a cultura deu mais valor a quem arriscava a vida – que é o que faziam os homens nas guerras e na conquista de novos territórios – do que quem lhes dava a vida – que é que o faziam as mulheres com seu poder de conceber (Garcia, 2011, p.79).

Sendo assim, os estudos realizados por Simone de Beauvoir influenciaram muitos debates e questionamentos sobre todas as ciências e hábitos culturais acerca da dinâmica das divisões sociais tradicionais dentro da sociedade patriarcal. No contexto histórico, a inferiorização das mulheres em relação ao homem é reflexo das ideologias do sistema social patriarcal, onde são disseminadas e empregadas ideologias que ditam que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens, acarretando nas desigualdades de gênero em

oportunidades, direitos e representação. Kergoat (2009) destaca que a divisão social do trabalho ocorreu por dois princípios organizadores fundamentais: a separação e a hierarquização.

Esses princípios, presentes em todas as sociedades conhecidas, estabelecem que certos trabalhos são designados para homens e outros para mulheres, e que o trabalho masculino é geralmente valorizado acima do trabalho feminino. Sendo assim, esse sistema é sustentado pela ideologia naturalista, que associa o gênero ao sexo biológico e interpreta as diferenças de papéis sociais como naturais. No entanto, a teoria da divisão sexual do trabalho argumenta que essas diferenças são construções sociais, resultado das relações sociais e culturais. Kergoat (2009) ainda destaca que, ao abordar a divisão sexual do trabalho, é importante considerar que, embora certos padrões de elementos sociais possam persistir constantes ao longo do tempo em diferentes contextos culturais, existem variações que ocorrem dentro desses contextos.

No livro didático de língua inglesa *Ways: English for Life* do 9º ano do Ensino Fundamental, (Franco; Tavares, 2022b), apesar de não ter um tópico que aborde somente sobre profissões ou o mercado de trabalho, nas páginas 104 a 117, o tópico *Forgotten Women* (Mulheres Esquecidas) trata sobre mulheres relevantes para a história que foram esquecidas e suas profissões, e são representadas por 4 imagens iniciais. Vejamos:

Figura 1 - Mulheres Importantes no livro didático do 9º ano.

**UNIT 6 FORGOTTEN WOMEN**

**Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a Brazilian writer who published her first book at the age of 46. Her diary *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* became a bestseller and won international acclaim.**

**Aina Thomas (1891-1978), an American art teacher who started creating abstract paintings after her retirement.**

**▶ GETTING STARTED**

**NÃO ESCREVA EM SEU LIVRO.**

The photos show four examples of forgotten women who made their mark on the world, but their achievements are not commonly known. Do you know any other examples of women who contributed to history, but have been forgotten?

104

Fonte: (Franco; Tavares, 2022b, p. 104).

Figura 2 - Mulheres Importantes no livro didático do 9º ano.

**Nesta unidade, você vai**

- falar sobre mulheres relevantes para a história que foram esquecidas;
- usar a voz passiva (passive voice);
- explorar colocações (collocations);
- compreender e produzir infográficos;
- explorar os temas contemporâneos transversais educação em direitos humanos, processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso e educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.



**Lela Weber (1879-1939)**, an American silent film actress, film director, film producer, and screenwriter who directed at least 138 films before 1940.



**Bertha Lutz (1894-1976)**, a Brazilian scientist who became a leading figure in the fight for women's rights.

Unit 6 **105**

Fonte: (Franco; Tavares, 2022b, p. 105).

Observe na sequência as descrições e análises das imagens, conforme a ordem em que as descrições aparecem no livro, refletindo a sequência textual das imagens:

- 1- A imagem apresenta Carolina Maria de Jesus (1914-1977), uma escritora brasileira negra que publicou seu primeiro livro aos 46 anos. Seu diário “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” tornou-se um best-seller e ganhou aclamação internacional (Franco; Tavares, 2022b, p. 104).
- 2- A imagem apresenta Alma Thomas (1891-1978), uma professora negra de arte norte-americana que começou a criar pinturas abstratas após sua aposentadoria (Franco; Tavares, 2022b, p. 104).

- 3- A imagem apresenta Lois Weber (1879-1939), uma atriz branca, produtora e roteirista de cinema norte-americana, que dirigiu pelo menos 138 filmes antes de 1940 (Franco; Tavares, 2022b, p. 105).
- 4- A imagem apresenta Bertha Lutz (1894-1976), uma mulher branca, cientista brasileira que se tornou uma figura proeminente na luta pelos direitos das mulheres (Franco; Tavares, 2022b, p. 105).

O livro didático apresenta as imagens de 4 (quatro) mulheres importantes que deixaram sua marca no mundo, mas suas realizações não são amplamente conhecidas (Franco; Tavares, 2022b, p. 104). O livro tenta contribuir com uma representação que contém a presença da interseccionalidade entre gênero e raça, pois apresenta duas mulheres negras e duas mulheres brancas, abordando assim a diversidade de experiências e contribuições dessas mulheres. Ao apresentar mulheres de origens diversas, raça e profissões, o livro mostra que as mulheres não são um grupo homogêneo, mas sim diverso e multifacetado. É importante compreender a interseccionalidade e a interconexão dessas opressões para lidar de forma adequada às questões de injustiça e desigualdade, reconhecendo a multiplicidade de identidades e experiências, buscando uma compreensão mais abrangente das formas de opressão que afetam as mulheres (Akotirene, 2018, p. 45).

Ao apresentar essas mulheres com diferentes profissões e realizações, o livro demonstra que as mulheres podem e têm contribuído significativamente em diversas áreas do conhecimento e da cultura. O enfoque em trazer à tona essas figuras femininas não apenas destaca a diversidade de experiências e contribuições, mas também combate a noção estereotipada de que as mulheres são limitadas a certos papéis ou profissões. De acordo com Amaral (2013), através dos avanços no mundo do trabalho, derivados pelo advento da globalização, houve uma inserção significativa na inclusão das mulheres no mercado de trabalho. Isso é motivado não só pelas mudanças nas formas de organização produtiva, mas também devido à quebra de padrões comportamentais associados ao trabalho.

Além disso, as mudanças culturais em relação ao papel social da mulher, influenciadas pelos movimentos feministas desde a década de 1970, e o aumento da presença feminina no mercado de trabalho, contribuíram para uma maior aceitação das mulheres no espaço produtivo da esfera pública. Apesar desses avanços, com mais mulheres ingressando no mercado de trabalho em diversas áreas e ocupações, ainda é uma esfera repleta de desafios para as mulheres. Obstáculos para avançar em suas carreiras devido a dificuldades de conciliar trabalho e vida

familiar, especialmente em sociedades onde as responsabilidades domésticas ainda recaem principalmente sobre a mulher.

Além disso, a desigualdade salarial, proveniente de preconceitos e discriminação de gênero, é uma questão persistente, com as mulheres geralmente ganhando menos do que os homens para realizar o mesmo trabalho. De acordo com uma pesquisa divulgada pela Agência de Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024, atualmente no Brasil, as mulheres possuem níveis mais altos de educação em comparação com os homens. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE (2024), do total de formandos em cursos de graduação presencial, 60,3% são mulheres, enquanto apenas 39,7% são homens. Além disso, em termos de instrução, as mulheres também superam os homens, com 21,3% concluindo o ensino superior em comparação com 16,8% dos homens.

Apesar de a escolarização feminina ser superior à masculina, não se traduz necessariamente em igualdade de oportunidades no mercado de trabalho. Os dados do IBGE (2024) também apontam discrepância salarial entre mulheres e homens que desempenham as mesmas funções em cargos gerenciais. No ano de 2022, as mulheres em cargo de gerência obtiveram um rendimento médio de R\$ 6.600, o que representa 21,2% a menos do que os homens, que ganharam em média R\$ 8.378. Segundo essa pesquisa, a presença de mulheres nesses cargos gerenciais representava 39,3%, enquanto 60,7% eram homens. Vale ressaltar que os dados (referentes a 2022) apontam que 53,3% das mulheres participam da força de trabalho, enquanto a taxa masculina é de 73,2%.

Incorporando a interseccionalidade, a desigualdade se torna ainda mais pronunciada, quando aplicamos um recorte racial à análise. Os dados divulgados pelo IBGE (2024), destacam uma disparidade significativa no acesso à educação entre mulheres brancas e mulheres pretas ou pardas na faixa etária de 18 a 24 anos. Cerca de 39,7% das mulheres brancas estão envolvidas em atividades de estudo, como frequentar a escola regular, universidade ou cursos profissionalizantes, enquanto essa proporção é significativamente menor, cerca de 27,9%, entre as mulheres pretas ou pardas.

Essa disparidade no acesso à educação entre mulheres de diferentes grupos étnicos e raciais tem um impacto significativo na disparidade salarial observada no mercado de trabalho. No Brasil, as mulheres pretas ou pardas são mais afetadas pelas desigualdades na educação, no mercado de trabalho, na renda e na representatividade política do que as brancas. Elas dedicam mais tempo aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, têm menor taxa de participação no mercado de trabalho e menor percentual entre as ocupantes de cargos políticos. Esta é outra

discussão necessária nas salas de aulas da escola pública, visto que o percentual de pretos e pardos é superior ao de brancos nesses ambientes escolares.

É preciso destacar que o livro didático traz essa multiplicidade de olhares sobre a mulher, contudo dependerá do posicionamento crítico da professora de inglês que está inserido em um universo machista/patriarcal e pode trazer este tipo de posicionamento e pensamentos para a sala de aula ao invés de desenvolver discussões para pensamentos mais libertadores e de direito de todos. Ou simplesmente podem se calar diante de tais imagens e não produzir discussões, o silenciamento também é a perpetuação do patriarcado.

O livro didático aborda imagens de mulheres importantes na história, mas não se limita a apresentá-las apenas visualmente. Na seção *Reading*, ele promove um texto escrito sobre as realizações e o contexto histórico das contribuições de Bertha Lutz. No entanto, é necessário observar que o livro poderia beneficiar-se ao incluir uma variedade maior de exemplos de mulheres significativas, além das quatro apresentadas, para evitar a impressão de que há poucos exemplos de mulheres históricas relevantes.

Além disso, enquanto o livro oferece uma análise detalhada sobre Bertha Lutz, pode haver um desequilíbrio na representação das outras três mulheres destacadas, sugerindo a necessidade de uma análise igualmente profunda para todas as figuras destacadas. É importante que todas as figuras destacadas recebam uma análise igualmente aprofundada para garantir uma representação justa de suas contribuições e lutas. As quatro mulheres apresentadas representam diferentes origens, raças e profissões, mas seria benéfico incluir uma variedade ainda maior de áreas de atuação e contextos históricos. Isso ajudaria os estudantes a compreender a vastidão e diversidade das contribuições femininas em várias esferas, desde a ciência e política até as artes e ativismo social.

O livro didático oferece uma seção intitulada *Reading for Critical Thinking*, que proporciona aos estudantes uma oportunidade significativa para explorar e refletir sobre questões cruciais relacionadas à igualdade de gênero e ao papel das mulheres na sociedade. Ele apresenta três perguntas que incentivam uma discussão profunda e reflexiva:

A primeira pergunta apresentada na seção, explora uma citação de Bertha Lutz sobre a participação feminina na política, onde ela discute como o conceito de "lar" evoluiu além das tarefas domésticas tradicionais para incluir um papel mais amplo na sociedade em geral. Os estudantes são desafiados a explicar o significado dessa evolução e a refletir se concordam com essa visão expandida do papel das mulheres.

A segunda pergunta instiga os estudantes a considerar a ideia de Bertha Lutz de que as mulheres devem contribuir para todos os aspectos da sociedade, incluindo política e negócios.

Os estudantes são solicitados a avaliar se há igualdade de gênero em todos os campos e a identificar áreas com menor representação feminina, discutindo os fatores que contribuem para essas disparidades.

A terceira pergunta aborda os obstáculos atuais que as mulheres enfrentam na sua busca de direitos, tais como a discriminação no emprego, na remuneração e no trabalho em dois empregos ao mesmo tempo. Os alunos são convidados a sugerir formas práticas de alcançar a igualdade de gênero na sociedade, centrando-se na importância das políticas, da educação e do apoio institucional.

Embora a seção *Reading for Critical Thinking* aborde questões importantes, uma crítica construtiva é que o livro poderia fornecer mais contexto histórico e dados atuais para enriquecer essas discussões. Informações mais detalhadas sobre a situação atual das mulheres em vários campos ajudariam os estudantes a formar opiniões mais informadas e contextualizadas. Além disso, o livro também poderia ser mais aberto e inclusivo ao apresentar interações entre gênero e outros aspectos da identidade, incluindo raça, classe social, orientação sexual, deficiência e outras interseções. Isto garantiria um retrato mais preciso e abrangente das experiências das mulheres ao longo da história e da sociedade.

Na próxima seção, abordarei como as barreiras significativas enfrentadas pelas mulheres, tanto em termos de participação no mercado de trabalho quanto de remuneração justa, têm impactos significativos em suas vidas pessoais e profissionais. Essas dificuldades frequentemente levam as mulheres a assumirem uma carga desproporcional de responsabilidades em atividades domésticas e no cuidado da família, resultando em um desequilíbrio entre suas obrigações profissionais e pessoais.

### **5. 1- Família: A jornada dupla não remunerada**

A inserção da mulher no mercado de trabalho, ingressando em diversas áreas e ocupações, ainda é uma esfera repleta de desafios e obstáculos, pois está completamente relacionada ao papel de cuidado da família e trabalho doméstico, que mesmo nos dias atuais, ainda recai principalmente sobre a mulher. Kergoat (2009) afirma que um dos principais motivos para o início do movimento feminista, foi a tomada de consciência de que as mulheres realizavam de forma não remunerada e invisível, todo o trabalho doméstico. Historicamente, esse trabalho era unicamente atribuído a mulheres em nome da natureza, do amor e do dever maternal.

Os resultados de ideologias patriarcais são refletidos até os dias atuais. No Brasil, para diferentes grupos de mulheres, o planejamento profissional fica em segundo plano, pois

conciliar trabalho e vida familiar continua sendo um obstáculo. Esta problemática é tão presente em nossa sociedade, que foi tema da redação do último Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2023, que revelou que as atividades de cuidados de pessoas e afazeres domésticos tomaram o dobro do tempo das mulheres do que dos homens em 2022.

Milstersteiner *et al.* (2020) discutem como a corrente de pensamento do feminismo aborda a questão da divisão sexual do trabalho e a busca pela igualdade de gênero neste mercado. Segundo essa perspectiva, a subordinação da mulher no mercado de trabalho decorre de processos histórico-culturais, nos quais as mulheres são doutrinadas a cuidar da família e a serem submissas, enquanto os homens são vistos como os provedores da família e os detentores do poder. Nesse sentido, Almeida (2023) destaca que, devido à persistência da ideia de que o trabalho doméstico é uma responsabilidade feminina, o cuidado e a criação dos filhos aumentam a desigualdade entre homens e mulheres. Isso resulta em uma carga desproporcional de trabalho doméstico para as mulheres, o que, por sua vez, leva a resultados negativos em termos de remuneração para as mães que trabalham (Coelho, 2011 *apud* Almeida, 2023).

No livro didático de língua inglesa *Ways: English for Life* do 6º ano (Franco; Tavares, 2002a), o tópico *What Is a Family?* (O que é uma família?) é abordado. Este tópico apresenta uma variedade de estruturas familiares presentes na sociedade contemporânea, que são representadas por 8 imagens iniciais. Vejamos:

Figura 3- Tipos de família no livro didático do 6º ano

**UNIT 4** **WHAT IS A FAMILY?**

**▶ GETTING STARTED**

**NÃO ESCREVA EM SEU LIVRO.**

- 1 Nas fotos, vemos diferentes tipos de famílias. Quais são eles?
- 2 Na sua família, com quem você mais se identifica? Por que? O que você já aprendeu com essa pessoa?

70

Fonte: (Franco; Tavares, 2022a, p. 70).

Figura 4 - Tipos de Família no livro didático do 6º ano.



Fonte: (Franco; Tavares, 2022a, p. 71).

O livro demonstra uma visão inclusiva e respeitosa da diversidade familiar, reconhecendo que não existe um único modelo de família, ao representar as configurações familiares conforme a ordem em que as descrições aparecem no livro, refletindo a sequência textual das imagens, de acordo com os autores Cláudio Franco e Kátia Tavares (2022a, p. 70 e 71):

- 1- Família homoparental, composta por duas mulheres ou duas mães, sendo uma negra e outra branca, com uma criança, sendo uma menina com traços pardos;
- 2- Família composta por dois casais heterossexuais negros, um casal de jovens adultos e outro de idosos. Além de duas crianças negras, totalizando 6 integrantes;

- 3- A imagem retrata uma família com um casal heterossexual branco, mais duas crianças, sendo uma menina negra e um menino branco;
- 4- A imagem retrata uma família composta apenas por 4 mulheres pardas, podendo ser mãe e filhas, irmãs ou primas;
- 5- A imagem 5 é a continuação da imagem 2 na página 71, devido a imagem ser ampliada para as duas páginas iniciais da unidade do tópico abordado;
- 6- A imagem 6 retrata uma família indígena composta por 9 integrantes, sendo um homem, 3 mulheres, mais 5 crianças;
- 7- A imagem 7 é a continuação da imagem 4 na página 71, devido a imagem ser ampliada para as duas páginas iniciais da unidade do tópico abordado;
- 8- Família inter-racial composta por um homem negro e uma mulher branca.

O livro apresenta uma variedade de imagens e, nas instruções em Língua Portuguesa, sugere que sejam discutidas com a classe as seguintes questões: 1) Nas fotos, vemos diferentes tipos de famílias. Quais são eles? 2) Na sua família, com quem você mais se identifica? Por quê?

Adicionando esses questionamentos, o livro apresenta nas orientações didáticas, apenas no material da professora, um texto em que a educadora é incentivada a orientar os alunos a observarem que existem diferentes tipos de família, discutindo de forma crítica o conceito de família. Como dito anteriormente, dependerá da professora se posicionar e discutir ou não o tema em sala de aula. O fato de a imagem existir no livro não garante que haja uma discussão sobre o tema. Para desenvolver essa discussão de forma mais abrangente e envolvente, a professora pode organizar debates onde os alunos possam expressar suas opiniões sobre o que constitui uma família, estabelecendo regras de respeito e escuta ativa para que todos se sintam à vontade para participar. Além disso, pode-se propor questões como "O que faz de um grupo de pessoas uma família?" ou "Como diferentes tipos de famílias contribuem para a sociedade?".

A discussão sobre a formação familiar também é essencial, convidando os alunos a refletirem sobre sua própria formação familiar e a compartilharem histórias, se se sentirem confortáveis, comparando e contrastando diferentes modelos de família, como nuclear, monoparental, extensa, adotiva, entre outras. Para explorar a interseccionalidade, a professora pode incentivar os alunos a pensar sobre como a raça, a classe social, o gênero, a orientação sexual e outros fatores podem moldar e modelar a estrutura e a dinâmica das famílias. Solicitar que os estudantes tragam fotografias da sua própria família para a sala de aula pode ajudar a tornar a discussão mais pessoal e concreta, e pode ajudar a promover a compreensão das

diferentes formações familiares na sociedade. Além disso, examinar como as famílias são definidas e valorizadas em diferentes culturas pode contribuir para a conversa, revelando que a família é uma entidade multifacetada e é influenciada por diversas identidades e dinâmicas sociais.

Na seção *Reading*, o livro apresenta um poema que explora a diversidade de configurações familiares. No entanto, não explora essas ideias em detalhes ou as desenvolve em uma narrativa contínua. A ênfase do livro está mais na análise gramatical e na compreensão do texto poético, através de exercícios que ajudam os alunos a entender a estrutura linguística e os significados implícitos no poema. Portanto, o livro não desenvolve uma narrativa contínua sobre as configurações familiares e nem sobre a presença de mulheres, ele oferece uma abordagem detalhada no contexto da gramática e da interpretação textual. O livro aborda o capítulo *What is a Family?* com uma abordagem mais variada e diversificada em relação à apresentação de diferentes concepções de família, utilizando poemas como veículos para explorar essas ideias, em vez de desenvolver uma única narrativa contínua sobre o tema.

Autores como Madalozzo, Martins e Shiratori (2008) afirmam que, apesar de estarem inseridas no mercado de trabalho remunerado, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho não remunerado em casa. E quando os homens participam, tendem a se envolver em tarefas consideradas mais "nobres" do trabalho doméstico, como reparos e manutenção da casa, gestão financeira do lar ou cuidados específicos com crianças, enquanto as mulheres continuam responsáveis pelas tarefas consideradas menos valorizadas, como a limpeza regular da casa, preparo de refeições diárias e cuidados com a lavanderia. Essa divisão impacta sua participação no mercado de trabalho remunerado e perpetua as desigualdades de tratamento entre os gêneros.

Através das imagens fornecidas para interpretação, é possível perceber que o livro didático de Língua Inglesa *Ways: English for Life* do 6º ano (Franco; Tavares, 2022a), ao abordar o tema família, não reproduziu estereótipos de gênero, evitando representações tradicionais, como a mulher cuidando majoritariamente do trabalho doméstico e o homem sendo o responsável pelo trabalho fora de casa. Além disso, o referido LD contribui para desconstruir a representação única da família tradicional e revela um discurso de resistência quando apresenta a interseccionalidade na representação de diversas mulheres apresentadas nas famílias das imagens expostas.

Segundo Hirata (2011), as relações sociais não se limitam apenas ao gênero, mas também se estendem à classe, raça e abarcam questões como sexualidade, religião, idade, entre outros aspectos. Nesse sentido, a interseccionalidade se faz fundamental para compreendermos

as complexas dinâmicas sociais. Ela reconhece e analisa interseções das opressões e desigualdades vividas por mulheres que não enfrentam somente o fato de serem mulheres como única forma de opressão, mas que muitas vezes, vivenciam uma combinação de formas de discriminação com base em suas múltiplas identidades. Com a interseccionalidade podemos compreender de forma mais completa e precisa as experiências e desafios enfrentados por mulheres de diferentes grupos sociais.

No Brasil, é possível perceber como o recorte das interseções de cor ou raça influenciam diferentes grupos de mulheres. Por exemplo, no ano de 2022 as mulheres dedicaram quase o dobro de tempo que os homens aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, totalizando 21,3 horas semanais para elas, em comparação com 11,7 horas semanais para eles. Em contrapartida, as mulheres pretas ou pardas gastavam, em média, 1,6 hora a mais por semana nessas tarefas do que as mulheres brancas (IBGE, 2024). Esses dados evidenciam como a representação de mulheres em livros didáticos de inglês no Brasil deve considerar não apenas a questão de gênero, mas também as diferentes interseções, como a de raça, uma vez que as experiências das mulheres podem variar significativamente de acordo com esses aspectos.

Em um país multicultural e multirracial como o Brasil, é crucial que essa diversidade e essas diferentes perspectivas sejam refletidas nos materiais didáticos, especialmente considerando que as mulheres compõem mais da metade da população brasileira (IBGE, 2022). As imagens presentes nos livros didáticos e a forma como elas são tratadas na sala de aula têm o poder de influenciar as identidades dos alunos e alunas, afetando diretamente a forma como eles se percebem, como percebem os outros e como se posicionam na sociedade.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação das mulheres em dois livros didáticos de inglês adotados em Cabaceiras do Paraguaçu-BA. O intuito foi compreender como os marcadores sociais do gênero feminino são apresentados, e, como esses materiais contribuem para a construção da percepção entre os estudantes sobre o lugar e as representações das mulheres nos contextos profissionais e familiares. A partir da análise dos livros didáticos de Língua Inglesa dos 6º e 9º anos, adotados em 2024, foi possível fazer algumas análises a partir da pergunta proposta na introdução deste trabalho: Quais são as imagens e representações da mulher nesses materiais?

Os livros didáticos analisados nesta pesquisa apresentam uma diversidade significativa nas representações das mulheres. As imagens refletem um esforço consciente dos autores em evitar estereótipos e promover uma visão mais inclusiva e diversificada. No contexto profissional, o livro didático de inglês do 9º ano apresenta uma diversidade de experiências e contribuições entre quatro mulheres de contextos diferentes, considerando a interseccionalidade entre gênero e raça. O livro não reproduziu estereótipos de gênero, evitando representações tradicionais advindas do patriarcado. No âmbito familiar, o livro didático de inglês do 6º ano, através das imagens fornecidas para interpretação, apresenta uma diversidade de mulheres de diferentes contextos, nas representações apresentadas nas configurações familiares das imagens expostas. O livro também não reproduziu estereótipos de gênero, evitando representações tradicionais, como a mulher cuidando majoritariamente do trabalho doméstico e o homem sendo o responsável pelo trabalho fora de casa.

Vale salientar também que a professora desempenha um papel fundamental no processo educativo, sendo crucial para a formação do senso crítico e do empoderamento dos estudantes, especialmente das alunas, em uma sociedade ainda sexista e patriarcal. A utilização exclusiva do livro didático, embora importante, não é suficiente para atingir esses objetivos. É necessário que a professora incorpore atividades paralelas, como debates, projetos interdisciplinares, pesquisas e oficinas, que incentivem os alunos a questionar, refletir e desenvolver uma compreensão crítica sobre o mundo. Ao promover um ambiente inclusivo e igualitário na sala de aula, onde todos se sintam valorizados e encorajados a participar, a professora pode trabalhar temas de gênero, igualdade e direitos humanos, conscientizando os alunos sobre a condição da mulher na sociedade e inspirando as alunas a se tornarem agentes de mudança. Dessa forma, a professora não só transmite conhecimentos, mas também prepara seus alunos para serem cidadãos conscientes e capazes de transformar a sociedade em um lugar mais justo e igualitário.

Porém, embora seja possível observar uma visão com valores ideológicos que remetem a um cenário inclusivo em ambos livros didáticos analisados, esta pesquisa apresenta observações e limitações. Em relação à quantidade de figuras analisadas e seus locais (as duas páginas de abertura de cada unidade), o número de imagens e páginas avaliadas é pequeno comparado ao total de imagens e páginas que um livro didático pode conter. Portanto, é possível supor que muitos dados importantes sobre a representação de mulheres diversas que enfrentam diferentes interseções foram desconsiderados devido a essas restrições e critérios que organizam o material de análise.

Mesmo com as observações e limitações citadas, assumo a validade deste estudo inicial. Pois, ao analisar os livros adotados na cidade de Cabaceiras do Paraguaçu-BA, bem como em outras cidades do Brasil, pois fazem parte de uma das coleções aprovadas pelo PNLD, foi possível investigar se as imposições sexistas, particularmente evidentes nesse contexto, foram reproduzidas na representação das mulheres nos livros didáticos de inglês adotados pela cidade. Reconheço a importância deste estudo inicial, pois ele tem o potencial de incentivar outras professoras e pesquisadores a refletirem sobre os materiais didáticos que utilizam. Contudo, ainda há um longo caminho a ser percorrido para garantir que todas as representações estejam livres de estereótipos e preconceitos. A conscientização sobre a importância da interseccionalidade – considerando não apenas o gênero, mas também outras interseções – é crucial para avançarmos na construção de uma sociedade mais equitativa.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Estatísticas de gênero**: Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- ALMEIDA, Debora Aparecida. **A divisão sexual do trabalho em cargos de liderança**: obstáculos e expectativas para mulheres em Santa Catarina/Brasil e Granada na Espanha. [S. l.: s. n.], 2023.
- ARAUJO, Jessica Martins; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua inglesa sob um viés do Inglês como Língua Franca. **Brazilian English Language Teaching Journal**, Porto Alegre, v. 9, n.1, p. 74-90, 2018.
- BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Produção: Margot Robbie, Tom Ackerley, Robbie Brenner, David Heyman, e Michael Sharp. Warner Bros. Pictures, 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. vol. I. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Tradução de Sérgio Milliet.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27–55, 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p27.
- BLOG BAHIA RECÔNCAVO. Ex-marido atira em mulher em Cabaceiras do Paraguaçu. Bahia Recôncavo, 12 set. 2022. Disponível em: <https://bahiareconcavo.com.br/2022/09/12/ex-marido-atira-em-mulher-em-cabaceiras-do-paraguacu/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2018.
- CORACINI, M. J. R. F. O Processo de Legitimação do Livro Didático na Escola de Ensino Fundamental e Médio: Uma Questão de Ética. In: CORACINI, M. J. R. F. (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**: língua materna e língua estrangeira. Campinas/SP: Pontes, p. 33-43, 1999.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-188, 1º semestre de 2002.
- CRUZ, Maria Helena Santana. A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 7, n. 12, p. 15–28, 2014.
- FRANCO, C.; TAVARES, K. **Ways: English for Life**. Ensino Fundamental Anos Iniciais - 6º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2022a.
- FRANCO, C.; TAVARES, K. **Ways: English for Life**. Ensino Fundamental Anos Iniciais - 6º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2022b.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GOMES, Marcus. Movimento Feminino Feminismo. **Movimentos Sociais**, Goiânia, vol. 02, n. 03, jul/dez. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, v. 24, n. Cad. CRH, 2011, 24(spe1), p. 15–22, 2011.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística -IBGE. Portal IBGE Educa: **Quantidade de homens e mulheres**. (2022). Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 27 mar. 2024.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Helene Le; SENOTIER, Daniele (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. Republique Française. São Paulo: Editora UNESP, p. 67-75, 2009.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019

MADALOZZO, Regina, MARTINS, Sérgio Ricardo, & SHIRATORI, Ludmilla. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: Homens e mulheres têm condições iguais?** Disponível em: <http://www.ibmecsp.edu.br/pesquisa/download.php?recid=3178> Recuperado em 18 jan. 2010

MILTERSTEINER, Renata Kessler *et al.* (2020). Liderança feminina: percepções, reflexões e desafios na administração pública. **Cadernos EBAPE.BR**, 18(2), 406-423.

MIRANDA, William; TILIO, Rogério. **A visão de sociedade em livros didáticos de inglês**. Disponível em: [https://www.academia.edu/1982827/A\\_vis%C3%A3o\\_de\\_sociedade\\_em\\_livros\\_did%C3%A1ticos\\_de\\_ingl%C3%AAs](https://www.academia.edu/1982827/A_vis%C3%A3o_de_sociedade_em_livros_did%C3%A1ticos_de_ingl%C3%AAs) . Acesso em: 28 jun. 2023.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira e discursos gendrados em sala de aula. In: **III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, 2009, Anápolis.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. In: **42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Caxambu, Anais. 2018. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos?format=html&path=42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27>.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como língua estrangeira. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições**. Salvador: EDUFBA, p. 57-82, 2012.

RIOS, Flávia; PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 36–51, 2018. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46648.

TILIO, Rogério. O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira. **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 7, n. 26, p. 117-144, 2008.

TILIO, Rogério. Currículo e material didático no ensino de línguas estrangeiras: reflexões e apresentação de uma proposta. **The Specialist**, São Paulo (SP), v. 44 n.1, jan./jul. 2023.

TRIBUNA DO RECÔNCAVO. Cabaceiras do Paraguaçu: mulher é violentada durante assalto. Tribuna do Recôncavo, [s.d.]. Disponível em: <https://tribunadoreconcavo.com/cabaceiras-do-paraguacu-mulher-e-violentada-durante-assalto/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

VEIGA, Jaciara. **Movimento feminino e feminismo: iguais ou diferentes?** 2022. 116 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.